

ALGUMA COISA AGORA?

Jornalistas Apuradores -
Ouvidores Gerais da Sociedade
e Construtores da notícia



ALGUMA COISA AGORA?

**Jornalistas Apuradores -
Ouvidores Gerais da Sociedade
e Construtores da notícia**



**Bernardo Rezende
Ivania Melo
Natália Bomfim
Vinícius Frausini**

BELO HORIZONTE - 2007



FICHA TÉCNICA

Projeto gráfico e capa
Rodolpho Miranda

Orientação e revisão
Marcelo Loures



AGRADECIMENTOS

Agradecemos especialmente ao nosso orientador, professor e psicólogo social Marcelo Loures que, desde o pré-projeto, demonstrou interesse pelo assunto. Na primeira orientação, disse que preferia ser chamado apenas pelo nome. Virou Marcelo, mas nunca deixou de ser Mestre. Nesse dia, descobrimos uma sala vazia no campus Carlos Luz, que virou nosso escritório. Ele sempre nos atendeu com todos os seus olhos e ouvidos, seja em relatos de trabalho de campo, seja em novas idéias ou problemas pessoais. Marcelo lia, corrigia tudo atentamente e, talvez sem saber, contribuía na integração do grupo. Provocou em nós reflexões sobre questões éticas da prática jornalística e aprendemos muito com isto. Quando pedimos que ele avaliasse o pré-projeto, alguns colegas disseram que nos arriscávamos, pois ele era muito rigoroso e detalhista. Não tivemos medo. Ganhamos muito com o rigor e a atenção aos detalhes. Marcelo é o orientador de que todos precisam ter!





MUITO OBRIGADO!

Adriana Agostini
Cláudia Fonseca
Cristina Amaral
Eustáquio Trindade
João de Castro
Juliana Duran

Marialice Emboava
Marise Martorano
Raquel de Azeredo
Rosangela Guerra
Sílvia Iglésias

Agradecemos também aos nossos personagens e a todos que, de alguma forma, contribuíram na produção do *Alguma Coisa Agora?*.



Em sua maioria, os jornalistas são incansáveis voyeurs que vêem os defeitos do mundo, as imperfeições das pessoas e dos lugares. Uma cena sadia, que compõe boa parte da vida, ou a parte do planeta sem marcas de loucura não os atraem da mesma forma que tumultos e invasões, países em ruínas e navios a pique, banqueiros banidos para o Rio de Janeiro e monjas budistas em chamas – a tristeza é seu jogo, o espetáculo, sua paixão, a normalidade, sua nêmesse.

Gay Talese



Sumário

INTRODUÇÃO	8
PERSONAGENS	10

PARTE I - DIFERENTE, MAS IGUAL

Corpo Relaxado	13
Colete Salva Vidas	17
Totens e Ícones	19

PARTE II - ANGÚSTIAS

24 Horas	24
Dor do Mundo	26
Se Vira nos 30	29
Tudo Resolvido	31
Disque-Reportagem	33

PARTE III - FUIROS

Operação Caça Fontes	37
Antenado	41

PARTE IV - RAPIDINHAS

Apenas?	44
Ouvir Imagens	46
Repolho é Bom para Pele	48
Suicídio Não	50

PARTE V - VELHA GUARDA 52

PARTE VI - GATEKEEPERS DOS
GATEKEEPERS

"Repórter não quer aprender" 60

"Repórter de pé limpo" 64

BIBLIOGRAFIA 67



INTRODUÇÃO

O livro *Alguma Coisa Agora?* é o resultado do trabalho de quatro aspirantes a jornalistas, que buscaram entender o processo de construção das notícias e a identidade dos apuradores. Foi preciso recorrer à Antropologia, à Psicologia e às Teorias da Comunicação para iniciar uma envolvente pesquisa de campo em redações de rádios, televisões e impressos, se estendendo à assessorias de comunicação e jornalistas da “Velha Guarda”.

O trabalho de campo foi além de visitas técnicas, experimentamos sua rotina de trabalho. Tentamos quebrar a barreira entre o visitante e o profissional, nos “misturamos” com eles, vivenciamos a pressão do dia-a-dia. Antes de irmos para as redações, elaboramos um roteiro de observação, no qual tentamos analisar tudo ao seu redor. Desde a cor das paredes, organização dos móveis, localização da sala, relação com os outros jornalistas, expressão facial diante de algumas notícias e técnicas de apuração.

Falar em jornalistas-apuradores pode parecer um pleonasma, pois todo jornalista é na essência um apurador. O protagonista é o profissional que fica, especificamente, na sala de apuração, telefona para vários locais em busca de informação, assiste a programas de rádio e televisão, e faz um “resumo” para que a redação fique informada.

O objetivo do livro não é ser um manual de apuração, nem traçar o perfil de uma pessoa, mas reunir histórias destes profissionais em capítulos curtos, separados por temas, talvez seguindo uma tendência do jornalismo atual, que sejam interes-



tes, atraentes para os leitores. Acreditamos que escrever este livro-reportagem significou exercitar a essência do jornalismo: o ato de escrever.



Página 9

PERSONAGENS

Capitão Gedir

chefe da assessoria de imprensa da Polícia Militar

Cláudio Ramos

apurador Hoje em Dia

Cláudio Rezende

repórter trainee CBN

Délio Rocha

jornalista Velha Guarda

Fernando Costa

estagiário apuração O Tempo

Gláucio Castro

repórter Hoje em Dia

Karina Novy

apuradora TV Alterosa

Larissa

estagiária apuração CBN

Luiz Henrique Yagelovic

gerente de jornalismo CBN

Luiz Ribeiro

repórter Estado de Minas

Maria Cláudia Santos

coordenadora de jornalismo Rádio Itatiaia

Mariana Garcia

jornalista

Paula Rangel

chefe de reportagem CBN

Paulo Santana

locutor Rádio Inconfidência

Paulinho

pauteiro Diário da Tarde



Senhora
ouvinte Rádio Itatiaia
Symphronio Veiga
jornalista Velha Guarda
Tiago Nogueira
estagiário apuração Diário da Tarde
Wilson Resende
chefe da assessoria de imprensa da Polícia Civil



Página 11

PARTE I

DIFERENTE, MAS IGUAL

[...] jornalistas são funcionários de uma linha de montagem acelerada em que rapidamente selecionam, por padrões viciados e em geral imutáveis, sempre os mesmos enfoques, as mesmas caracterizações. Jornalismo se torna uma máquina de produzir sempre o mesmo, qualquer que seja o conteúdo diferente do dia-a-dia.

Ciro Marcondes Filho



Corpo Relaxado

(...) É pelo meu corpo que compreendo o outro, como é pelo meu corpo que compreendo as coisas. (...) Pode-se dizer que o corpo é a forma escondida do ser próprio. (...) Tudo ocorre como se a intenção do outro habitasse meu corpo ou como se minhas intenções habitassem o seu. (...)

Maurice Merleau-Ponty

Cláudio Ramos, um senhor de cabelos grisalhos, não perde uma oportunidade para sorrir, e acredita que um dos segredos do seu trabalho é a percepção. Com mais de 17 anos de experiência no jornal Hoje em Dia, ele não troca seu serviço pelo de um repórter e acha muito importante a apuração como o princípio do processo de construção de notícia.

No Hoje em Dia, a sala de apuração fica na entrada da redação, um pouco distante da editoria de cidades, ou Minas como é chamada no jornal, ao lado da sala do secretário de redação. Em suas paredes de vidro há uma persiana que inviabiliza a visão de quem está de fora. O apurador fica na cabeceira de uma mesa em forma de “L”. Em sua frente o computador, na outra extremidade da mesa, no alto, duas televisões, e ao seu lado um rádio. Os telefones e os rádios, para comunicação com os carros de reportagem, ficam perto do computador. Debaixo das televisões, fixado de forma organizada na parede, há um manual com dicas para a apuração. No entanto, este





é pouco usado, os apuradores são experientes e o jornal não tem estagiários, comenta Cláudio Ramos.

Com tantos anos de experiência, o apurador já desenvolveu algumas estratégias para facilitar seu trabalho. Só pela chamada da Itatiaia, pela vinheta, ou pelo tom de voz do apresentador, ele identifica a importância do fato. O caderno Minas depende muito do trabalho de apuração para pautar os repórteres, por isso, apurador e redação devem sempre manter contato. Cláudio ressalta a valorização dos apuradores pelos editores e repórteres. Acredita que a maioria das notícias se inicia em sua sala: “começa como um pontinho preto, depois aumenta, ganha mais informações, fontes, personagens, até se tornar uma matéria. A apuração começa na rua do jornal, vai para o bairro, depois para o Estado, para o país, e o planeta Terra. Nada deve ser deixado de lado, ou considerado sem importância”.

Cláudio costuma ligar para os colegas de redações de TV e rádio em busca de informações “novas”. Trocar informações com colegas de impressos pode significar não dar um furo, ou passar informações que eles ainda não apuraram. Ele dá dicas para não perder informação: “Na conversa com os outros profissionais de apuração é importante nunca dizer que sabe tudo, que já enxugou o assunto. Podem haver informações não apuradas, que eu ainda não tenho, mas o pior é afirmar que se sabe tudo é fazer com que o colega perca o estímulo em passar a informação. Ele pode pensar que eu sempre sei tudo e não passar mais as novidades”, afirma Cláudio.

Na apuração também é preciso ter um olhar crítico, estar com “um olho no peixe e outro no gato”, especialmente com as assessorias. Elas costumam omitir algumas informações, principalmente quan-

do há policiais envolvidos nos crimes. A repercussão de um fato como este é prejudicial para a imagem da polícia junto à sociedade. As assessorias de empresas privadas também devem ser observadas. Quando há um desastre ambiental, ou um acidente muito grave, eles retêm a informação, esperam o máximo para não divulgar dados errados. É preciso confiar mas desconfiar ao mesmo tempo das assessorias de comunicação, comenta o apurador.

Em um dia de trabalho, Cláudio recebeu a informação da assessoria da polícia militar de que foram presas algumas pessoas em Betim. As informações eram sem nexos, não havia detalhes. Cláudio Ramos achou estranho e resolveu investigar. Ligou para várias pessoas e ninguém sabia de nada. Então, insistiu com os assessores da polícia militar e descobriu que havia um policial entre os presos. “Agora o fato é diferente, há um policial envolvido nos crimes. Betim é uma região bastante violenta, tem crimes todo dia. Mas, quando há um policial é sinônimo de corrupção”.

A relação de Cláudio com os assessores é um caso atípico. Nas outras redações os apuradores sempre mantêm a formalidade em suas rondas e não saem deste diálogo: “Boa tarde sargento, aqui é Rodrigo do jornal X, alguma coisa agora? Obrigado”.

Durante uma das rondas, Cláudio encostou na cadeira com se estivesse relaxando, apoiou os braços no encosto, arrumou o corpo, aumentou a voz, e perguntou ao assessor como foram as férias, se tinha aproveitado muito, se estava preparado para a dura rotina de trabalho. Depois de uma conversa descontraída, com muitos risos, como quem não quer nada, ele perguntou: “Você tem alguma infor-



mação nova?”. Talvez isso seja uma boa estratégia. Para quem o assessor daria uma informação completa, ou deixaria escapar algo que não podia? Para o estagiário que ligou e manteve a formalidade de sempre, ou para o “amigo” Cláudio Ramos?



Colete Salva Vidas

*Olhando o mar, sonho sem ter de quê.
Nada no mar, salvo o ser mar, se vê.
Mas de se nada ver quanto a alma sonha!
De que me servem a verdade e a fé?*

Fernando Pessoa

Depois de acessar o diretório da redação, colocar as fitas para gravar os programas indicados no manual de apuração, Fernando faz a primeira ronda. Ele telefona para hospitais de pronto-socorro, delegacias especializadas, Corpo de Bombeiros, órgãos responsáveis pelo trânsito, Polícias Militar, Civil, Rodoviária, Federal e Estadual, penitenciárias e batalhões. Ao mesmo tempo fica atento às notícias da Globo News, dos jornais da Globo (canal aberto), da Itatiaia e CBN.

Segundo ele, o que mais interessa na Globo são os seguintes programas: Bom Dia Brasil, MGTV 1ª edição, Globo Esporte, Jornal Hoje, MGTV 2ª edição, Jornal Nacional e Jornal da Globo. O Globo Esporte é gravado somente para conferir as notícias e ver se há algo de novo, alguma estatística diferente. Normalmente, não se espera novidades, pois em função do horário do programa, as matérias já saíram nos jornais televisivos da noite anterior, e nos impressos do dia. Os telejornais da Globo são gravados e armazenados em fitas de vídeo, dentro de uma caixa, que fica sobre a mesa durante o mês todo. No final de cada mês, eles são descartados.



Grava-se tudo da Globo News, mas as informações não ficam arquivadas como as da Rede Globo. Ao final de cada fita, elas são reutilizadas. Os telejornais de outras emissoras são gravados apenas em ocasiões especiais. Alguém pode ouvir ou ler que um jornal vai cobrir um assunto interessante e pedir para que seja gravado. O objetivo é analisá-lo, e talvez fazer uma matéria sobre o assunto ou sugerir uma pauta diferente.

Os dois rádios gravam tudo das emissoras Itatiaia e CBN. Eles não são armazenados, as fitas são reaproveitadas. No intervalo das rondas, Fernando ouve as fitas, digita e salva todas as informações. Na parte da tarde, horário de seu estágio, o que interessa nos programas de rádio são os jornais da CBN e o Chamada Geral da Itatiaia.

Quando começou o estágio no jornal O Tempo, Fernando Costa não foi orientado sobre as notícias que interessam ou não ao jornal. Durante uma semana, ele foi acompanhado por um estagiário que o mostrou como funciona o programa usado pela redação. Uma vez salvo no diretório, programa usado pela redação, todos os repórteres, de todas as editorias têm acesso ao conteúdo.

Fernando prefere não selecionar o que vai salvar. Ele faz um resumo de todos os jornais da Globo, dos jornais da CBN e Itatiaia e deixa disponível para a redação. Isto funciona como um colete salva-vidas. Desta forma, além de evitar um furo, não deixa a redação sem alguma informação importante.



Totens e Ícones

Um símbolo religioso transmite sua mensagem mesmo quando deixa de ser compreendido, conscientemente, em sua totalidade, pois um símbolo dirige-se ao ser humano integral, e não apenas à sua inteligência.

Mircea Eliade

Os jornais impressos são os totens dos jornalistas, presos em velhos suportes de madeira, e exibidos em estantes no meio da redação. Estagiários, repórteres, chefes de reportagem, editores, âncoras, gerentes de jornalismo e diretores dedicam uma parte do tempo de trabalho para reverenciar ou blasfemar os mais importantes “totens” do Estado e do Brasil.

O tempo dedicado à leitura varia na mesma proporção do valor do contra-cheque, quanto menos se ganha, menos se lê jornais no ambiente de trabalho. Estagiários raramente vão ao banheiro para lavar as mãos sujas de tinta do Estado de Minas, O Tempo, Hoje em Dia, Diário do Comércio, Super, Aqui, Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, Lance, Extra, O Globo, Gazeta Mercantil e Valor Econômico. De um modo geral, são estes os jornais que chegam às redações de Belo Horizonte. Não há como ler atentamente todos eles, em alguns simplesmente passa-se os olhos, em outros se dá mais atenção. Certamente, aqueles que se dedicam pouco ao ritual sagrado, também gostariam de ter mais tempo para



ler, comentar e discutir matérias “umbilicais” e dos concorrentes.

É difícil imaginar a quantidade de jornais velhos que vão sendo acumulados. Na rádio CBN, a limpeza hospitalar e o monocromático branco dos móveis e paredes, contrastam com uma grande caixa de papelão, cheia de jornais. A chefe de reportagem tentava encontrar alguém que precisasse da venda daqueles papéis e fosse “de confiança” para entrar na redação periodicamente.

A totêmica dos jornais, a princípio, seria uma ânsia pela informação, no entanto, ela está essencialmente relacionada a questões do ego. Dar alguma notícia em primeira mão é motivo de orgulho, um prazer efêmero, em raros casos têm “durabilidade tântrica”. Levar um furo talvez seja uma das grandes preocupações dos jornalistas, em especial dos apuradores, pois eles serão os primeiros a serem responsabilizados. O furo em uma rádio, quando acontece, é no próprio dia. Cláudio, da CBN, fica com um rádio na mesa, ligado o tempo todo na Itatiaia e quando entra o jornal ele aumenta o volume. Já na Rádio Inconfidência, Paulo Santana faz a rádio-escuta da CBN, Itatiaia e Band News.

Não foi permitido acompanhar a apuração da Rádio Itatiaia. Segundo a coordenadora de jornalismo, Maria Cláudia, já foram realizadas pesquisas acadêmicas sobre a emissora, na qual fizeram “observações errôneas sobre o trabalho da equipe de jornalismo”, o que levou a diretoria a proibir esse tipo de visita. Ela afirmou em entrevista que “se faz muito pouco rádio-escuta, pois não há uma rotina”, porém ficam com duas televisões ligadas o tempo todo, principalmente, para acompanhar “as coisas de fora do Estado”. A coordenadora negou um “ar de presun-



ção” ao falar da rádio-escuta. Disse que o tamanho da equipe de jornalismo da Itatiaia, em relação a outras de BH, explica a quase ausência dessa prática.

O jornalista Gay Talese, no livro *O Reino e o Poder*, narra um interessante episódio no *New York Times*, sobre a preocupação e os cuidados com os conteúdos dos concorrentes:

“Há muitos anos, quando uma força-tarefa do Times se saíra muito bem em uma matéria difícil, os editores reuniram-se no dia seguinte, congratulando-se mutuamente; Adolph Ochs, que estava sentado em silêncio, disse então que lera em outro jornal um fato que faltava na cobertura do Times. Um editor respondeu que se tratava de talvez insignificante e que o Times dera vários fatos importantes que não tinham aparecido nos outros jornais. Ochs replicou, dardejando: ‘Eu quero tudo’. Foi esse pensamento, rigidamente seguido, que criou uma estranha mentalidade e medo em alguns e gerou tarefas esquisitas para outros. Por muitos anos, houve gente na redação cuja missão era examinar o jornal e contar todos os resultados esportivos e todas as notas fúnebres, assegurando-se de que o Times publicara todos, ou pelo menos, mais do que outro jornal. À noite, havia editores que ficavam andando para lá e para cá, esperando que um mensageiro chegasse com a última edição dos outros jornais, temerosos de que trouxessem matérias ou alguns fatos que não constassem do Times.”



Provavelmente, em algum lugar do *New York Times*, também deve existir um acúmulo de jornais velhos. O que fazer com eles é um problema já resolvido: reciclagem. A grande questão discutida é até quando teremos jornais circulando diariamente. Um jornalista do *Le Monde* afirmou em uma entrevista,

em abril de 2007, que em menos de 10 anos os jornais circularão duas ou três vezes por semana.

Os portais Terra, Uai, Globo e sites institucionais disputam as atenções dos jornalistas com os impressos. As informações on line são consultadas a todo momento. Os velhos totens chegam quase “gelados” nas redações e depois da leitura matinal, raramente volta-se a eles. Apuradores não desgrudam os olhos da internet em busca de informações “quentes”. Talvez seja um equívoco chamar os jornais impressos de totens.



PARTE II

ANGÚSTIAS

*Morro do que há no mundo:
do que vi, do que ouvi.*

Morro do que vivi.

*Morro comigo, apenas:
com lembranças amadas,
porém desesperadas.*

*Morro cheia de assombro
por não sentir em mim
nem princípio nem fim.*

*Morro: e a circunferência
fica, em redor, fechada.
Dentro sou tudo e nada.*

Cecilia Meireles



24 Horas

*Eu não tenho data pra comemorar
Às vezes os meus dias são de par em par
Procurando uma agulha num palheiro*

O Tempo não Pára - *Cazuza / Arnaldo Brandão*

“Bom final de semana, até segunda-feira!” Esta despedida é algo raro na vida de jornalistas que trabalham em redação, na qual os apuradores estão incluídos. Normalmente, o sábado e o domingo de descanso ficam reduzidos a um ou dois por mês. Além disso, existem situações inesperadas ou de destaque, como por exemplo, o atentado às Torres Gêmeas ou a visita do Papa Bento XVI ao Brasil, que podem exigir a presença de toda a equipe de jornalismo. O esquema diferenciado de folga no fim semana é então cancelado.

A despedida de sexta-feira, quando acontece, pode ser uma simples ilusão. Karina Novy, apuradora da TV Alterosa, não esperava que uma fonte telefonasse para ela no celular, em um sábado de folga. Ela estava na casa do namorado e a situação causou um incômodo, mas não deixou de anotar as informações recebidas e telefonar para a redação. A expressão facial da apuradora, ao narrar a interrupção de seu fim de semana de descanso, era de insatisfação.

Será que um jornalista precisa estar sempre alerta? A tão esperada folga foi interrompida por uma ligação de trabalho. A fonte tinha interesses pessoais em divulgar as informações transmitidas? Prova-



velmente, outros apuradores já passaram e passarão pela situação de Karina.

Confiança e credibilidade são fatores essenciais na relação com as fontes, o que pode significar trabalhar “24 horas”. Sentimentos conflitantes da profissão tornam difícil definir o “ser jornalista”. Atender uma fonte fora do horário de trabalho é, ao mesmo tempo, motivo de orgulho e um incômodo. Jornalistas recebem ligações de fontes, mas também telefonam nas férias para a redação.

O caminho de casa para o trabalho pode “render matéria”, o que certamente está relacionado à satisfação e a mão aberta batendo no peito: “Eu sou jornalista”. Um produtor da TV Alterosa, no trajeto para a emissora, presenciou um acidente no qual um carro de passeio bateu em uma árvore na Avenida Silviano Brandão. Assim que chegou na TV, ele procurou a apuração: “Karina, um carro bateu na Avenida Silviano Brandão, na altura do número 1862”. Ele memorizou o número onde ocorreu a batida. Parece que mesmo fora da redação, os profissionais não se desligam.



Dor do Mundo

“Mesmo sem motivo, sinto sempre uma ansiedade que me faz ver e procurar perigo onde não existe. Isso aumenta infinitamente qualquer aflição e faz com que a ligação com os outros seja muito difícil”.

Schopenhauer

“O apurador fica no meio do caminho. Ele não é aquele que vê, que está ali exposto. Mas é uma pessoa que acaba se tornando um pouco mais insensível, não no sentido pejorativo. Não gosto de dizer que a gente fica mais insensível ou mais frio por lidar com estes fatos. Acho que em algum lugar da gente nós colocamos isto. Acho que a gente não absorve com tranquilidade... Fica armazenado, já percebi. Houve um caso de violência com uma irmã minha, de seqüestro. No dia que eu a vi passando por aquilo, a sensação que tive foi que chorei a dor de todo o mundo. São coisas que vão ficando acumuladas, e você começa a perceber como o outro lado sente, na hora que acontece muito perto de você. Toda vez que se apura você fica pensando em como o outro lado está se sentindo. Para a vítima é uma história dela, e para nós é mais uma história. Não tem jeito, uma hora você tem que refletir sobre isto.”



Maria Cláudia Santos, coordenadora de jornalismo da Rádio Itatiaia, sentiu a dor do mundo ou a “dor de todo o mundo”, quando sua irmã foi seqüestrada. Ela falou sobre isto em uma entrevista no

dia 28 de março de 2007, com uma rapidez e desenvoltura típica dos repórteres de rádio. Certamente já havia pensado sobre as rotinas, o dia-a-dia e o contato com os ouvintes. Segundo a coordenadora, eles são fiéis, e fornecem espontaneamente mais informações do que os numerosos *releases* recebidos todos os dias na redação.

A dor muitas vezes não chega pelo telefone ou e-mail, vai até a porta da Rádio Itatiaia. Sobee ladeiras do bairro Lagoinha em dias de sol, sem ter a certeza do endereço. Foi o que aconteceu enquanto esperávamos Maria Cláudia para gravarmos a entrevista.

Uma senhora de aproximadamente 65 anos, perguntou ao recepcionista se ali era a Rádio Itatiaia. Ele afirmou que sim e ofereceu ajuda. Um pouco distante do balcão, junto à porta, começou a falar sobre a neta que estava presa. Interessado no que dizia, pediu para que se aproximasse. Desde a transferência para a penitenciária de Três Corações, as duas perderam contato. A avó tinha certeza que com a “sabedoria” de um jornalista da Rádio Itatiaia conseguiria achar uma forma de falar com a neta. Naquele momento, o jornalista estava gravando um programa e não poderia atendê-la. Ela sentou nas escadas, abriu a bolsa, com um lenço enxugou o suor do rosto e tomou um gole demorado de uma garrafinha d’água. O recepcionista avisou que Maria Cláudia já estava aguardando.

Seis meses antes, quando ainda preparávamos o projeto deste livro, conversamos com Mariana Garcia sobre a dor dos apuradores. Quando estudante de jornalismo, estagiou durante dez meses no jornal O Tempo, em 2005/2006. Ela nos relatou situações que exemplificam os critérios organizacionais na seleção de notícias, e como o contato diário com



informações fornecidas para a editoria de cidades modificou seus critérios individuais.

No período de estágio, parece ter vivenciado os antagonismos das pulsões de vida e morte. Antes de ingressar no Jornal O Tempo, ela acreditava gostar da editoria de polícia, porém declarou ter mudado de opinião depois do convívio com a apuração diária de crimes, acidentes, rebeliões e mortes. Ao se defrontar intensamente com as repressões impostas pela sociedade, ela percebeu que não se identificava com esse tipo de editoria. Mariana acaba com uma ilusão. Um fato marcante desta transformação ocorreu durante a apuração de mais um acidente. Ela soube, por um telejornal, da morte de um primo em uma estrada de Minas Gerais.

Segundo Mariana, só era notícia para a editoria de cidades o que chamasse a atenção, e pudesse causar impacto nos leitores. Se fossem presas, pessoas com drogas, isto apenas seria notícia caso os envolvidos fossem conhecidos. Se fosse um desconhecido, deveria portar uma grande quantidade de droga. Um acidente seria notícia se houvesse vítimas fatais, ou um grande número de envolvidos.

Quando a jornalista estagiava, a mãe de um repórter do jornal *O Tempo* morreu atropelada, com o corpo partido ao meio por um caminhão. O jornal não deu nem uma nota sobre o fato. Todos os outros impressos de Belo Horizonte cobriram o acidente. E se fosse com a mãe de um profissional desses jornais? Ela concluiu a entrevista de uma forma contundente: “Parece que os jornalistas não têm coração, ou se têm sabem dividir muito bem a emoção do trabalho”.



Se Vira nos 30

*[...] jornalistas de todas as crenças e qualidades registram de seu modo peculiar as notícias do mundo como eles as vêem, ouvem, e crêm compreender. Depois, boa parte delas é distribuída por todos os Estados Unidos, milhões de palavras por minuto, e milhares dela chegam a uma grande fábrica de fatos de catorze andares localizada na rua 43, perto da **Broadway**, o prédio do **The New York Times** [...]*

Gay Talese

O trabalho de apuração é como uma garimagem, os profissionais selecionam, avaliam o que é bom, ou não. Gláucio Castro é repórter do caderno de esportes do jornal Hoje em Dia e já trabalhou durante sete anos na apuração. Nela, as pessoas aprendem muito, ganham maldade para tratar com determinados assuntos, principalmente para obter informações, desenvolvem formas para lidar com as fontes, além de desenvolver a percepção.

Apesar de achar muito importante o trabalho, o maior desejo de Gláucio era trabalhar como repórter, ou seja, sair da sala de apuração e ir para a redação. O que mais o incomodava era o risco de passar por incompetente por incompetência dos outros. “O apurador depende de terceiros e das assessorias para conseguir informações. Se elas não têm informação pouco adianta a redação co-



brar. Os repórteres esbravejam, sobem no salto, mas virar notícia não tem jeito”.

Suponhamos que um repórter de rádio, durante uma viagem, presencia um acidente envolvendo o Governador. Ele liga para a redação e transmite tudo. Se ele informar a localização fica fácil para os repórteres se deslocarem, mas caso contrário o apurador depende da assessoria, sabe apenas o que todos ouviram pelo rádio. São situações como estas que o apurador deve se “virar nos 30”, buscar informações até em locais improváveis.

Gláucio afirma que os apuradores são lembrados como pessoas que têm um trabalho bastante difícil, ou até chato. Há uma página em um site de relacionamento cujo nome é “Apurador também é gente”. Nesta comunidade participam pessoas que já trabalharam na apuração, que trabalham, ou que conhecem bastante a rotina dos apuradores.



Tudo Resolvido

*Se ao que busco saber nenhum de vós responde
Por que me repetis: “vem por aqui!”?*

*Prefiro escorregar nos becos lamacentos,
Redemoinhar aos ventos,
Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
A ir por aí...*

José Régio

“Jornalista não é obrigado a passar informação para outro jornalista”, assim começou uma conversa entre os apuradores da TV Alterosa. Karina apurava o caso de uma quadrilha de roubo de cargas entre São Paulo e Minas Gerais, que foi presa em Belo Horizonte. Pouco depois de ver a notícia na emissora concorrente, ela tentou obter informação sobre o fato, porém sem sucesso. A Polícia Civil, há alguns dias investigava os possíveis envolvidos. A Alterosa e o Diário da Tarde fazem parte do grupo Associados, e trocam informações com frequência. No entanto, nenhum dos dois tinham detalhes sobre o assunto.

O furo era real e visível. Karina ligou para a assessoria da Polícia Civil de Minas, mas eles ainda não tinham informações. Preocupada com o fato, a apuradora pensou alto: “Como assim eles não sabem! A concorrente já está noticiando”.

O olhar ansioso tomava conta do seu rosto, pois as tentativas foram em vão. Preocupado com a situação, o editor-chefe passou o telefone de um contato



da Polícia Civil de São Paulo. Rapidamente ela ligou, mas não obteve sucesso. A fonte afirmou não ter informações.

Karina estava ligada nas rádios CBN e Itatiaia e ouviu que um repórter estava próximo ao galpão onde a polícia preparava-se para invadir e apreender a carga roubada. O editor sugeriu à apuradora ligar para o jornalista que estava no local, e solicitar novidades sobre o caso.

A apuradora conseguiu o telefone do repórter que cobria a ação da polícia, porém estava apreensiva por não conhecê-lo. O repórter disse apenas que a polícia já tinha prendido dois acusados, e não havia mais ninguém próximo ao galpão. Minutos depois, ouviu da emissora, na qual o repórter trabalha, que a polícia permanecia no local.

Apesar da falta de êxito na busca por detalhes, Karina acredita que “jornalista não precisa passar informação para ninguém, a não ser que eles sejam colegas. Principalmente quando a notícia pode render um furo”.



Disque-Reportagem

[...] a verdade também pode ser uma mentira. A verdade não é o suficiente. A verdade é apenas o cerne de uma totalidade inesgotável.

Henry Miller

Os jovens predominam na redação do Diário da Tarde, alguns trajam seus *All-Stars* de início de carreira, outros ainda se deliciam com *Chatô*, *O Rei do Brasil*. No Estado de Minas a faixa etária e o clima são diferentes, alguns *pop stars* desfilam esbanjando seu prestígio. Apesar de serem poucos, quem se destaca são os homens de suspensório. Eles não são de muitas palavras, transitam com passos firmes, com um “ar de dever cumprido” e sempre estão concentrados em seus afazeres. O acesso também é mais difícil, falar com um editor-chefe é quase impossível, sempre estão em reunião, discutindo os interesses do jornal.

No primeiro dia de visita ao Diário da Tarde, enquanto aguardava uma reunião com o estagiário de apuração, Tiago Nogueira, ouvimos no vão da porta as orientações para a apuração. “Estamos focando muito os casos de polícia, precisamos nos preocupar mais com a cidade, com o que acontece em Belo Horizonte”.

A sala de apuração fica ao lado da redação, em frente a editoria de polícia. [As cadeiras destes repórteres são inconfundíveis, foram marcadas por corretivo, em seus encostos, com a palavra polícia].





Nela há uma televisão e um rádio, que ficam sintonizados na Rede Globo e na Itatiaia, respectivamente. Os programas não ficam armazenados, são descartados à medida que outro é gravado. Chegam muitos *releases* por *e-mail*, o que acumula mais trabalho. Os sites da Polícia Militar e da Rede Globo sempre ficam abertos. Dentro da sala, ao lado do computador, há um armário onde fica uma edição do DT para cada editoria. Às vezes é uma confusão. Os repórteres pegam o jornal e não assinam a lista, quem ainda não leu “sobra”, observa o apurador.

Tiago não usa o diretório de redação para salvar as apurações, ele digita no *Outlook*, envia para o editor de cidade e para a Alterosa no final de seu expediente. No Diário da Tarde, o pauteiro Paulinho acompanha de perto o trabalho de apuração. Sempre que há uma informação diferente, o apurador pede orientação sobre a cobertura do fato. Quando a decisão é positiva eles ligam, ou usam um comunicador que fica dentro do carro de reportagem para contactar os repórteres. Segundo Tiago, desta forma ele “lava as mãos”. O jornal já tem a informação, a decisão de cobrir cabe a eles. A apuração feita pelo estagiário é usada pelo EM e pelo DT. Alguns repórteres fazem matérias para os dois jornais. Às vezes, algumas notas são aproveitadas no tablóide *Aqui*, os três fazem parte do grupo Associados. Segundo o apurador, o DT cobre mais os assuntos policiais, por isso o Estado de Minas não tem apuração. Mas, quando surge algum fato “filé”, quem cobre é um repórter do EM.

A Alterosa e o DT trocam informações e espelhos diariamente. O objetivo é conferir se algum fato passou despercebido. Há situações no jornal que não é possível enviar um repórter-fotográfico até o local,

talvez por falta de tempo. Neste caso, eles ligam para a emissora de televisão e pedem um *frame*, ou seja, uma imagem congelada da televisão que é usada como fotografia. O crédito é dado à emissora. O apurador acredita que esta relação com os Associados facilita bastante seu trabalho. Torna-se mais difícil tomar um furo, há o auxílio de outro meio de comunicação para apurar os acontecimentos.

Para trabalhar na apuração é preciso ficar de “olho aberto”, as pessoas costumam ligar contando fatos muito estranhos. Elas acham que o jornal é um disque-reportagem e querem que assuntos de interesse pessoais sejam cobertos, mas o jornal não faz isto, aqui nosso objetivo é atender à população de forma geral, não um membro dela, afirma o apurador.

Tiago diz que trabalhar na apuração “não é a melhor coisa do mundo, a responsabilidade é grande e quando tomamos um furo a bomba estoura aqui”. Ele prefere ir para a rua, trabalhar como repórter, mas se surgir uma oportunidade em apuração ele aceita.



PARTE III

FUROS

O furo dá um gozo particular, um enorme prazer de conquistador. O furo é uma conquista que está associada ao brilho profissional, razão justificada de vaidade pessoal, e que fornece um prestígio que pode fazer progredir a carreira profissional.

Nelson Traquina



Operação Caça Fontes

Talento é quando um atirador atinge um alvo que os outros não conseguem. Gênio é quando um atirador atinge um alvo que os outros não vêem.

Schopenhauer

Em fevereiro de 2006, um grupo de sete homens assaltou algumas agências bancárias em Bonfinópolis de Minas, norte do Estado, e fizeram três reféns. Mais de duzentos policiais estiveram na região tentando capturar o grupo e libertar os reféns. Havia helicópteros e policiais especializados. A população estava com medo de sair às ruas e estradas. Emissoras de TV e jornais impressos enviaram repórteres para o local .

Na redação da CBN, no dia 14 de fevereiro, o cerco policial no norte de Minas Gerais era uma espécie de trilha sonora de novela. Qualquer redação, seja de rádio, impresso ou televisão, tem sempre um factuel relacionado a acidente, morte, assassinato, ação policial ou fenômenos da natureza como uma espécie de música ambiente. Esta lista parece tão incorporada ao dia-a-dia das redações que é quase impossível imaginá-las sem ela. Durante mais de um mês, o cerco policial foi notícia em vários veículos da mídia.

As redações costumam ter mapas emoldurados na parede. No alto da avenida Raja Gabáglia, a CBN não poderia deixar de ter um de Belo Horizonte e outro do Estado. As consultas são freqüentes, acom-





panhadas da busca de informações básicas para o envio de repórteres: condições das estradas, tempo de viagem, hospedagem e infra-estrutura para comunicação. A primeira preocupação é com o funcionamento do celular. Nos primeiros dias em que o norte de Minas foi destaque, ele ficou marcado no mapa por impressões digitais.

Luiz Henrique, Paula Rangel, Cláudio e Larissa trocaram idéias e informações, constantemente, sobre o cerco. Luiz Henrique queria ouvir outras fontes além da polícia, pois ela não tinha mais informações.

Rapidamente, Larissa e Cláudio se empenharam em estabelecer contatos, por telefone, com moradores de Bonfinópolis, Riachinho e São Romão. Uma verdadeira “Operação Caça Fontes”. Ajudado por Paula Rangel, Cláudio conseguiu os números do presidente da câmara, do pastor, do padre, do sindicato rural e da secretaria de educação. O objetivo era saber como estava o “clima” na cidade. Antes de deflagrada a operação, Larissa conseguiu conversar por celular com Luiz Ribeiro, repórter do Estado de Minas, que estava no local. Não havia nenhuma novidade, porém jornalistas costumam ser solidários com os colegas de profissão para compartilhar informações.

Larissa de repente anuncia com tranqüilidade: “Estou na linha com o sobrinho de um refém. Ele está disposto a gravar uma entrevista”.

Cláudio corre para o estúdio, sob orientação de Paula Rangel. Durante a conversa, o sobrinho disse que o Exército deveria intervir. Isto virou manchete da matéria de Cláudio, que entrou no jornal da manhã. Larissa contou como conseguiu o telefone dele. Consultou pela internet uma lista telefônica com a cidade e o sobrenome de um dos reféns. Depois de algumas ligações “encontrou” o sobrinho. A

iniciativa foi da estagiária e ela deu uma explicação simples: “Nessas cidades pequenas as pessoas se conhecem e quase todas são parentes”.

Cláudio e Larissa foram parabenizados pelo trabalho. O desejo do sobrinho de um refém foi destaque no jornal da manhã. A instantânea “Operação Caça Fontes” terminou. A agenda de telefones da redação ganhou mais números. Os telefones das fontes alternativas foram incluídos nos computadores da redação.

Vamos pedir socorro a Pierre Bourdieu para tentar entender o cotidiano da apuração, e das diversas “operações” promovidas nas redações. A polêmica obra de Bourdieu, *Sobre a Televisão*, apresenta o jornalismo em estado de “*Apocalypse Now*”. Suas análises sobre as práticas jornalísticas são quase de caráter médico-legista. Hora de abrir o envelope do Laboratório de Patologia do Dr. Bourdieu:

“Os jornalistas, grosso modo, interessam-se pelo excepcional, pelo que é excepcional para eles. O que pode ser banal para outros poderá ser extraordinário para eles ou ao contrário. Eles se interessam pelo extraordinário, pelo que rompe com o ordinário, pelo que não é cotidiano — os jornais cotidianos devem oferecer cotidianamente o extra-cotidiano, não é fácil... Daí o lugar que oferecem ao extraordinário ordinário, isto é, previsto pelas expectativas ordinárias, incêndios, inundações, assassinatos, variedades. Mas o extraordinário é também e sobretudo o que é não ordinário com relação aos outros jornais. É o que é diferente do ordinário e o que é diferente do que os outros jornais dizem do ordinário, ou dizem ordinariamente. É uma limitação terrível: a que impõe a perseguição do furo. Para ser o primeiro a ver e a fazer alguma coisa, está-se disposto a quase tudo, e como se copia mutuamente visando



a deixar os outros para trás, a fazer antes dos outros, ou a fazer diferente dos outros acaba-se por fazerem todos a mesma coisa, e a busca da exclusividade, que, em outros campos, produz a originalidade, a singularidade, resulta aqui na uniformização e na banalização.”

Melhor entender o pensamento de Bourdieu não como um atestado de óbito, mas um exame de sangue solicitado pelo geriatra ao paciente que não fuma, caminha três vezes por semana e descuida um pouco da alimentação. O exame não está bom, mas ainda há muita vida pela frente.



Atenado

[...] Nós não “vemos” simplesmente as coisas, já que também as construímos interpretativamente com o olhar: o que chamamos de objetividade resulta das projeções subjetivas com que vestimos as coisas do mundo – e isto implica afirmar o caráter primitivamente alucinatório de toda e qualquer percepção.

Muniz Sodré

Trancado em uma sala pouco organizada, com jornais espalhados pelo chão, muitas orientações pregadas nas paredes, caixa de fax desorganizada, livros espalhados, cadernos de cidade sobre a mesa, avisos de folga, escala de trabalho pregados na parede, o estagiário Fernando Costa fica atento para não levar um furo. Este acontece quando um jornal dá uma informação e o outro não. O que tem a informação dá o furo, e o que não, leva o furo.

Quando o jornal toma um furo os editores ficam “loucos”, e a “ferrada” vem para a apuração. Por mais insignificante que pareça, o apurador deve estar ciente dos fatos e passar a informação para a redação, se não cobrirem e tomarem um furo o problema é deles, todos sabiam do que estava acontecendo, comenta Cláudio Ramos.

O fundamental para trabalhar na apuração é atenção. O ouvido sempre deve “ficar ligado” aos fatos novos para não levar um furo. Uma informação importante não pode ser noticiada pelo concorren-



te e passar despercebida.

Há outra situação em que o furo tem um aspecto diferente do analisado acima. No interior de Minas Gerais, na cidade de Boa Esperança, as crianças vão para a escola, na carroceria de um trator. A informação foi noticiada primeiro pela televisão. No entanto, no outro dia, todos os jornais impressos buscavam informações relativas ao fato. Neste caso, a matéria funciona como uma “suíte”, uma continuação do que foi noticiado no dia anterior, o que dá um aspecto diferente ao furo. Os acontecimentos que envolvem crianças têm uma repercussão maior na mídia brasileira, assim, as pessoas poderiam procurar por jornais que tivessem na capa uma chamada para a matéria. Nesta situação, o furo seria um fator que influenciaria a venda de jornal, pois as pessoas poderiam buscar por aquela informação.

No caso do rádio e da televisão, o furo pode ganhar outra forma. Ninguém assiste a vários canais de televisão, ou ouve várias frequências de rádio ao mesmo tempo. Mais uma vez o furo não teria tanto valor. A busca por ele, ou o interesse em noticiar primeiro pode tornar o jornalismo menos objetivo e parcial. A pressa em apurar é um fator que deixa as matérias pobres, sem informação, com relatos apenas de um lado da moeda. Os jornalistas se dispõem a quase tudo para sair na frente dos concorrentes.



PARTE IV

RAPIDINHAS

Tudo é ilusão. As circunstâncias felizes, as situações desagradáveis e as emoções são ilusórias. Analisar a natureza real dos fenômenos nos libera das aparências.

Dalai Lama



Página 43

Apenas?

*Dicionário, não és tumba, sepulcro, féretro,
túmulo, mausoléu, mas preservação, fogo escondido,
plantação de rubis, perpetuidade viva da
essência, celeiro do idioma.*

Pablo Neruda

Definir notícia é uma tarefa difícil para os profissionais de comunicação. Cláudio Ramos acha que além de subjetivo, é perigoso. O que é notícia para alguns pode não ser para outros. Na apuração, a definição e a concepção de notícia é ainda mais perigosa.

Atropelamento tem todos os dias em uma cidade do tamanho de Belo Horizonte, porém, há situações em que o atropelamento de *apenas* uma pessoa vale notícia. A informação passada pela assessoria da Polícia Militar é que uma menina foi atropelada na Avenida Amazonas, no Bairro Gameleira. Aparentemente é um acidente comum, todos os dias tem. Onde está o inusitado? A menina saía da escola quando foi atropelada. Foi imprudência da menina, a sinalização estava com problemas, ou o motorista dirigia em velocidade acima da permitida em uma área escolar? São detalhes que devem ser bem analisados. A informação foi checada e o motorista havia avançado o sinal amarelo em frente a uma escola, causando o acidente.

O cuidado em ser entendido por um maior número possível de pessoas é uma constante. A atenção é dobrada com os termos jurídicos e o



“policialês”. As palavras podem ser muito perigosas e condenar quem é indiciado ou deixar ouvintes irritados, com um simples “*apenas*”. Cláudio, repórter trainee, fez uma nota sobre a situação no aeroporto de Confins e escreveu que havia “apenas” um voo atrasado. “Este voo poderia ser o seu, e não seria apenas”, disse Paula. O repórter concordou com a observação e suprimiu o *apenas* dos informes sobre aeroportos.

A palavra “*apenas*” no bairro Cabana ganha destaque. Um casal que andava de moto na região foi baleado. O rapaz que pilotava a moto levou 18 tiros e sobreviveu. A jovem, que estava na garupa, foi atingida por apenas uma bala na perna e morreu. Talvez se o rapaz tivesse morrido não seria notícia, pois o fato ocorreu no bairro Cabana.



Ouvir Imagens

Para o nosso olho é mais cômodo, numa dada ocasião, reproduzir uma imagem com frequência já produzida, do que fixar o que há de novo e diferente numa impressão [...].

Friedrich Nietzsche

Na mente de um apurador de televisão deve existir uma câmera e um relógio. Uma situação apurada agora corre o risco de não ter mais nenhuma imagem daqui a 15 minutos, na melhor das hipóteses, pode-se mostrar simplesmente o local do ocorrido. A impressão é que Karina visualiza as imagens dos fatos, imagina como eles poderão ser filmados, e ao mesmo tempo um “tic-tac” bate alertando para os minutos que passam.

Na sala de apuração da TV Alterosa há dois televisores ligados, um na própria emissora, e outro na Rede Globo. Quando Karina chega, às 6h15 da manhã, ela grava e acompanha o Bom Dia Minas. Faz um “espelho comparado”, ou seja, verifica se saiu alguma informação na Globo, que consta na pauta, ou ainda não foi apurada. Para Karina, “essa é a hora mais corrida do trabalho”.

O clima de tensão é constante em uma apuração de TV. Todo dia é uma correria contra o tempo para conseguir imagens. Nas rádios, “as imagens” dependem da capacidade descritiva do repórter e dos sons ambientes. Em impressos, as fotos não são uma obrigatoriedade e existe o recurso de gráficos e



desenhos. As “notas secas”, informações sem imagem, lidas pelo apresentador ou âncora dos telejornais, não são muito bem-vindas. Karina está sempre atenta se existem imagens para as informações que recebe e apura. A televisão é sustentada, essencialmente, por imagens, o que torna o veículo mais atraente, porém muitas vezes dificulta o trabalho dos profissionais desta mídia.



Repolho é Bom para Pele

*Os desiludidos do amor
Estão desfechando tiros no peito.
Do meu quarto ouço a fuzilaria.
As amadas torcem-se de gozo.
Ob quantas matérias para os jornais.*

Carlos Drummond de Andrade

Os jornais O Tempo e o Super Notícias ficam no mesmo prédio e andar, são separados apenas por uma parede. Eles têm redação e apuração diferentes. Os estagiários dos jornais também são diferentes e não acompanham os mesmos programas.

Segundo Fernando, as notícias que interessam aos dois jornais variam. Por ser mais barato, ou popular, o Super Notícias veicula notícias que julga mais acessíveis à população menos instruída. Por se interessarem pouco por assuntos de política ou economia, ele não tem cadernos destas editorias. Os assuntos relacionados à violência são mais frequentes, principalmente os mais bizarros, os que chamam a atenção, os acontecimentos “chocantes”.

O *Tempo* compete com um jornal de linha editorial diferente, para outro tipo de leitor, que busca informações melhor apuradas e que se preocupam com os acontecimentos que envolvem o país. Fernando acredita que quanto mais “enxuta” a redação de um jornal, pior as condições dos profissionais desenvolverem um bom trabalho. O *dead-line* é menor quando os repórteres têm que produzir



muitas matérias, o tempo é mais curto, comenta o apurador.

Os estagiários do Super Notícias e do jornal O Tempo mantêm contato, apenas profissional. Trocam informações, às vezes conversam sobre os trabalhos da faculdade. A estagiária do Super Notícias não fica restrita à apuração e também ajuda na redação. Ela acompanha o programa Chamada Geral da Itatiaia, e o Jornal da Alterosa. Depois dos informativos, liga para Fernando e passa as notícias mais importantes.

Por telefone, os dois trocam informações e a apuradora brinca: “Tem uma notícia que saiu no Jornal da Alterosa e que deve ser interessante para vocês: repolho é bom para a pele”. Com um sorriso irônico do outro lado da linha, Fernando afirma que nem vale a pena apurar, não vale notícia para O Tempo, talvez para o Super Notícias.

A seleção das notícias passa por critérios individuais e outros da empresa. O apurador tem um repertório, ou seja, um conhecimento acumulado durante a sua vida que influencia na captação do que é notícia. Um fato pode ser interessante para um, mas não para outro. Além deste critério subjetivo, há também a linha editorial do jornal. Todo veículo de informação tem um público-alvo, por isso, escreve o que pressupõe ser do interesse deles. O interesse em agradar o leitor restringe o que é noticiado ou não.



Suicídio Não

*A maior expressão da angústia
Pode ser a depressão
Algo que você presente
Indefinível
Mas não tente se matar
Pelo menos essa noite não*

*Essa noite não - Lobão/ Bernardo Vilhena/ Ivo
Meirelles/ Daniele*

Não existem portas fechadas na Rádio CBN, exceto no acesso aos estúdios, onde é necessário digitar uma senha ou passar o crachá. Nada de amontoados de papéis e pastas ou imensos quadros com todo tipo de aviso, mensagem ou convite. Os computadores estão estalando de novos, na porta de um armário foram afixados a escala de folga do Carnaval e o esquema de vagas na garagem do prédio. Tudo é muito claro e iluminado, sobra luz natural e artificial. Vidros do teto ao chão oferecem em primeiro plano uma visão do bairro São Bento e montanhas ao fundo.

Luiz Henrique fica na sua sala com a porta aberta e sempre levanta para ir aos estúdios conversar mais de perto com Paula Rangel, ou verificar a localização de uma cidade no mapa. A distância entre as mesas é mínima e não há qualquer tipo de barreira para a troca de idéias e informações entre a apuração, a chefia de reportagem e a gerência de jornalismo. O intercâmbio de informações que che-



gam à redação, seja pela apuração, *releases*, *sites* ou repórteres, agiliza o trabalho e evita perda de tempo.

A estagiária Larissa falava de uma situação que estava apurando, dava detalhes de uma morte suspeita. Paula falou que estava parecendo suicídio e que não deveria fazer nem mesmo uma nota do caso.

Larissa: Não damos notícia de suicídio?

Luiz Henrique: Já ficou provado que noticiar suicídio é um estímulo para quem está pensando ou já pensou em cometer.

Paula: Suicídio não damos de jeito nenhum.



PARTE V

VELHA GUARDA

*Estamos aí, como vocês estão vendo
Estamos velhos, mas ainda não morremos.
Enquanto há vida há esperança
Diz o velho ditado, quem espera sempre alcança
Nosso teor não é humilhar a ninguém
Nós só queremos mostra o que a Velha Guarda
tem*

Hino da Velha Guarda da Portela
Francisco Santana



Délio Rocha – Trabalhou nos jornais Diário de Minas, Jornal dos Sports, Estado de Minas, Diário do Comércio, Jornal de Casa e Folha de São Paulo. Foi assessor de imprensa no Ministério da Agricultura, Prefeitura de Belo Horizonte, Governo de Minas Gerais, Palácio das Artes, secretarias de Estado da Agricultura e Educação. Participou de campanhas eleitorais de Tancredo Neves para o Senado e para o Governo de Minas.

Symphronio da Veiga – Trabalhou em diferentes jornais impressos em Minas Gerais, de repórter a editor. Em rádio, atuou na Itatiaia, Guarani e Cultura. Foi editor da TV Itacolomi, em Belo Horizonte, de 1970 a 1972, e na TV Uberaba, nos anos de 1972 e 1973. Nos Governos de Francelino Pereira, Tancredo Neves, Hélio Garcia e Newton Cardoso e na Associação dos Magistrados Mineiros foi assessor de imprensa.

FORMAÇÃO ACADÊMICA

Délio Rocha: Fiz Direito. Na minha época não se exigia o diploma, o jornalismo era visto como uma forma de ascensão social. Muitos vinham de classe mais humilde e normalmente eram pessoas que gostavam muito de ler, escrever e que tinham curiosidade. Não existia jornalista que não havia lido Machado de Assis, dentre outros clássicos. Sendo assim, você tinha uma cultura geral extraordinária, acima da média da sociedade.

Symphronio da Veiga: Sou formado pela UFMG em Direito e cheguei a exercer a profissão durante um ano. Em 1958/1959, não existia o Curso de Comunicação Social, eles selecionavam os candidatos que estavam no curso superior, de preferência os que cursavam Direito, Economia ou Sociologia.



ASSIM ERAM AS REDAÇÕES...

DR: Hoje é muito comum encontrar erros em telejornais e impressos devido à falta de uma figura que era o *copy desk*. O repórter produzia a matéria, encaminhava ao *copy desk*, que a corrigia. Mas quando não dava para corrigir por ter muitos erros, ele reescrevia a matéria e a encaminhava ao editor sem um erro sequer. Hoje a matéria sai do repórter e vai direto para a página. Além disso também tinha um secretário de oficina, que era um jornalista encarregado de acompanhar a montagem da página.

SV: A estrutura era assim antigamente: chefe de reportagem, chefe de redação, secretário e *copy desks*, que faziam as correções dos textos dos jornalistas. Junto vinha também uma prova tipográfica que passava pela revisão. Então eram duas revisões, uma do *copy desk* na redação e outra no setor de revisão que examinava a prova tipográfica.

RELAÇÃO COM AS FONTES

DR: A questão da fonte para mim sempre foi apenas um indicativo. Compete ao jornalista, a partir daquela indicação da fonte, apurar os detalhes e a verossimilhança daquilo. Hoje é tudo abre aspas, fecha aspas.

SV: Quando eu cobria o sindicalismo no Diário de Minas e não encontrava tal fonte importante para conceder a entrevista, inventava a declaração dela, pois a conhecia muito, sem comprometer-lá, claro. Depois ele virava e falava “*Ob Symphronio, saiu uma declaração minha que eu não dei, mas é aquilo mesmo que eu penso*”. A confiabilidade era tremenda entre a fonte e o jornalista.



TÁ AMARRADO!

DR: Todo veículo tem que ter um pauteiro, mas os veículos de comunicação não podem se prender totalmente a pauta, porque a pauta é fria. Tenho um exemplo clássico disso: um repórter do *Diário de Minas*, na década de 60, foi incumbido de cobrir uma pré-estréia de uma opereta no Teatro Metr pole. Era um fato extraordinário. Quando voltou   reda o, chegou sem a matéria. O redator perguntou: “*Você não fez a matéria da estréia?*” Ele disse: “*Não teve estréia, o teatro pegou fogo.*” Ele estava tão preso   pauta, que não noticiou que um patrim nio histórico da cidade havia pegado fogo. Hoje, o repórter sai com a pauta no bolso e na reda o eles vão cobrar dele a própria pauta.

SV: Na minha época a pauta também não existia e tinha o nome de roteiro. Isso foi antes das escolas de Comunica o Social entrarem em vigor. Em 1964, os roteiros mudaram de nome, nascendo assim, a pauta.

GARIMPAGEM

DR: O critério de sele o das notícias em tese   o mesmo.   a notícia que vai atingir o maior número de pessoas. O que diferencia atualmente   o apadrinhamento de notícias que   grande, pois tem sempre alguém interessado em sua publica o. Antigamente não se mexia muito com ladrão de galinha, pelo menos na nossa editoria de polícia. Não valoriz vamos o crime do p  de chinelo, porque a gente sabe, todo mundo sabe que os grandes crimes são feitos por parte da elite. Quando era então alguém da elite,  i sim, deit vamos e rol vamos, íamos   “forra”, como dizia. O criminoso pequeno a



gente dava o destaque que o crime comportava ou o que tinha disponível na página, uma espécie de cobrir o buraco da página.

APURADOR

SV: Antes não existia apurador especificamente como se vê hoje. A apuração era feita por um iniciante, que era identificado como repórter auxiliar. Ganhava um salário mais baixo e só depois era promovido. Era orientado por um jornalista mais experiente da redação, o que não acontece atualmente nas redações. Cabia ao iniciante telefonar para as delegacias, entidades, pedir informações e ao mesmo tempo conceder o telefone da redação para que tais entidades o informassem. Assim era feita a troca de informações entre os jornalistas e as assessorias.

NO MEU TEMPO ERA DIFÍCIL

DR: Era mais difícil mesmo. Você não tinha carro, telefone. Até a década de 80, o repórter era proibido de usar o telefone. Ele tinha que ir ao local e cobrir o acontecimento. O jornalista é o olho da sociedade, então ele tem que estar vendo e presenciando a entrevista. Tive que ir várias vezes a cidades do interior apurar as notícias. Hoje, o jornalista tem mais tempo de apurar os fatos. Eu fazia tudo a pé, porque a empresa não tinha carro para o jornalista. E olha que os jornais de antigamente tinham mais páginas do que os de hoje. Atualmente, a pessoa fica acomodada e nem busca ir além. O próprio entrevistado pede as perguntas por e-mail. Isso não é jornalismo! No jornalismo você tem que ver a pessoa falando para saber se ela está mentindo. Pela apuração da voz você enxerga a verdade...



FUROS

DR: Os furos não acontecem hoje com tanta frequência. Ele era exatamente a dificuldade em você descobrir a notícia. Era pura sorte e oportunidade. Os jornais estão perdendo para a internet, porque ela é ágil e atualizada permanentemente. Todo mundo comprava jornal, ele ia além do que as pessoas já sabiam. Hoje, ele fica aquém. Quem lê somente o jornal é mal informado.

Vou contar um caso que aconteceu com o repórter Luiz Carlos Mota Costa, que trabalha hoje no *Diário do Comércio*. Na época foi um grande furo. A FIAT ia lançar o Prêmio e tal lançamento era guardado a sete chaves. O repórter conversou com o diretor industrial da montadora e foi batendo um papo com ele. *“Para um projeto sair da prancheta e ir para a rua, quantos anos mais ou menos demora isso, uns cinco, seis anos?”*. O diretor disse que não era tanto tempo assim, dois anos no máximo. Os dois continuaram conversando e o repórter novamente: *“Vocês estão trabalhando nesse lançamento tem uns seis meses?”*. O diretor disse que havia um ano e meio. O repórter o pegou no pulo. Quando a matéria saiu no jornal havia o seguinte título: *“FIAT lança novo modelo daqui seis meses”*. Com duas perguntas, o jornalista descobriu quando o carro ia ser lançado e sabia que era para concorrer com o Monza.

RELEASES

DR: Os *releases* eram raros, pois não existiam assessorias de imprensa. As assessorias foram implantadas pelas empresas com a ditadura militar. Me lembro que o Governador Israel Pinheiro só tinha um assessor de imprensa – que passava apenas informa-



ções, mas não tinha ninguém produzindo matérias.

Até certa época o *release* não era usado, a não ser nos veículos mais pobres, mais safados. O próprio jornal “Estado de Minas” não publicava. Se tinha algum *release* que fosse bom, ele era totalmente reescrito. Hoje não costumam mudar nem o título. Várias vezes, enquanto estava na Assessoria da Prefeitura, meu texto saía com o próprio título que eu mandava. Inclusive, um *release* que enviei ao jornal “Estado de Minas” foi veiculado em duas editorias, cidade e economia, no mesmo dia, no mesmo caderno.

Hoje 80% da pauta é oriunda do *release*. O jornalismo foi oficializado.

DEVER CUMPRIDO

DR: O bom apurador é o que vai colher o maior número de dados. Os diversos ângulos que a boa notícia possa ter para esclarecer bem ao leitor, ouvinte ou telespectador. A apuração dos fatos é o principal da nossa atividade que é produzir notícias. Se você não apura, você não informa, e se você não informa você não está cumprindo com o dever do que o jornalista tem com a sociedade.

SV: Uma fonte fundamental da notícia é a apuração. Quando bem feita é uma grande facilitadora para toda a equipe. Espera-se do apurador que ele saiba investigar, checar e descobrir as versões dos fatos. Assim o repórter vai poder ir mais a fundo em sua matéria. Hoje, o apurador é uma figura que faz uma seqüência ao andamento da redação.



PARTE VI

GATEKEEPERS DOS
GATEKEEPERS

*Quantas relações humanas são pobres e banais
porque deixamos que o outro se expresse de modo
repetitivo e porque nos desviamos das áreas de
atrito, dos pontos vitais, de tudo o que em nosso
confronto pudesse causar o crescimento e a dor!*

Ecléa Bosi



Página 59

"Repórter não quer aprender"

Wilson Resende
assessor de comunicação da Polícia Civil

Alguma Coisa Agora? – Como você seleciona uma notícia?

Wilson Resende – Fazemos uma avaliação sobre a importância, o alcance, e pelo impacto que determinada informação vai provocar na vida das pessoas. A partir daí definimos o tratamento, e sobretudo quais os canais devem ser aproveitados para a difusão dessa informação.



Página 60

ACA – Tem alguma informação que vocês não passam?

WR – Olha, não podemos passar informação no momento das investigações porque isso pode atrapalhar, principalmente em casos de homicídio.

Além de atrapalhar, pode causar um tumulto. A família da vítima pode se revoltar contra uma pessoa que é suspeita. Na verdade, este tipo de informação envolve o aspecto legal. Às vezes a gente segura, mas de qualquer forma isso é passado para o jornalismo.

Então você percebe que nós estamos segurando a informação em si, um detalhe da investigação, mas nós estamos informando. Estamos informando que não podemos passar informação.

ACA – Existe pressão dos jornalistas para conseguir informações?

WR – Nós compreendemos a ânsia e a pressão que o jornalista tem lá na redação, principalmente em dar um furo, ou chegar primeiro numa informação. E nisso, muitas vezes ele incorre em erros e até o pior, o exagero, diria até com sensacionalismo. No contato que eu tenho com os jornalistas eu sempre procuro alertar, para tomar cuidado com o sensacionalismo, pra não exagerar na dose, e repassar uma informação que às vezes só cria alarde à população e distorce um pouco o tom do fato. Não estou dizendo que distorce a informação. Não estou dizendo que isso é de forma intencional, é a ânsia e a pressão que nós jornalistas vivemos no dia-a-dia pela busca do furo e da informação mais completa. Se o jornalista veicular uma informação errada, ele e o veículo podem perder credibilidade. Eu acho que a imprensa deveria errar muito menos do que ela erra.

ACA – Por que a imprensa erra?

WR – Erra por falta de compreensão, por falta de entendimento do contexto, por falta de preparo do jornalista que no dia-a-dia não tem condição de se especializar para tratar de determinado assunto. A polícia demorou a perceber o quanto é importante ter um tratamento transparente, uma relação afinada com a imprensa, isso também contribui para que o jornalista não entenda a polícia, e não saiba o papel da polícia. Então, nós temos que repensar toda essa nossa forma de agir, tanto os jornalistas que trabalham em redação, quanto os de assessoria.

ACA – Como é o relacionamento da assessoria com os apuradores?





WR – É muito bom. Os apuradores na maioria das vezes são recém formados, e ainda não dominam todo o contexto daquela instituição, daquele fato, daquela notícia. E por estar na apuração, que é o início da descoberta da notícia, ele é muito pressionado, principalmente pelos jornais dependerem deles para produzir as pautas.

ACA – Os apuradores conhecem as atribuições de cada polícia?

WR – O jornalista não tem compreensão da atribuição das polícias. Este caso muito acontece conosco: determinada pessoa é detida pela PM, e levada para a delegacia. Lá, o delegado de posse da ocorrência e dos depoimentos, chega à conclusão que, com base na lei, aquela pessoa não deve ser presa, libera a pessoa. Então, a imprensa, às vezes trata isso de forma sensacionalista, porque a PM prendeu e o delegado soltou. A PM não prende, ela detém, ela conduz à delegacia. Quem prende é o policial civil, o delegado, que com base na lei, com base nas informações, põe aquela pessoa numa cela ou a libera. Mesmo que ele abra um inquérito, ou uma investigação sobre aquele caso, a pessoa é liberada. Às vezes, o delegado tem até a convicção, pela experiência, que aquela pessoa é culpada, mas as informações e os depoimentos é que servem como elementos jurídicos para prender aquela pessoa. Se ele não tem essas informações, e esses elementos jurídicos, ele não pode prender, senão ele passa a cometer um crime. O jornalista não sabe disso, insiste em não aprender isso, e muitas vezes informa a população de forma errada.

ACA – Você consegue distinguir pelo telefone quando é um estagiário ou um profissional?

WR – Dificilmente vou confundir quando é um foca, ou um jornalista experiente. Não quer dizer que o foca erre sempre, tem foca muito bom. No entanto, só pelo tom de voz, pela insegurança é possível reconhecê-los.

ACA – Você acha que um assessor que não seja jornalista vai entender menos os apuradores?

WR – Ou vai entender menos, ou não vai entender. Eles atrapalham o trabalho e dificultam a relação da assessoria com a sociedade.



"Repórter de pé limpo"

Capitão Gedir

assessor de imprensa da Polícia Militar

ACA – Como vocês passam as informações para a mídia?

Capitão Gedir – Antes as informações eram passadas de manhã e à tarde. Hoje temos um portal no qual as empresas cadastradas têm senha e acesso aos acontecimentos. Colocamos informações que são de interesse da comunidade, como homicídio, prisões, apreensões e operações da polícia militar. A gente tem a idéia da transparência da informação. A comunidade liga muito para a imprensa e as notícias chegam aos veículos com mais rapidez. Às vezes nós servimos como uma fonte para os apuradores checarem as notícias.

ACA – Existe alguma orientação sobre quais informações podem ser passadas para a mídia?

CG – Na verdade, há crimes como estupro, tentativa de homicídio, cuja investigação ainda não foi realizada, e divulgá-los pode ser prejudicial, trazendo mais insegurança à sociedade do que informação.

ACA – Como é o relacionamento da polícia com a mídia?

CG – Acho que essa relação polícia/imprensa é gradativa. Passou-se pela ditadura, perseguições...tem repórter que odeia a polícia, tem polícia que odeia repórter, mas na verdade, os dois estão do mesmo lado. Na briga entre o bem e o mal, a imprensa e a



polícia estão do lado do bem. Quando a gente conseguir achar um meio termo, falo porque estou aqui há seis anos, o resultado será muito positivo.

ACA – Como as notícias chegam até vocês?

CG – Nós recebemos as informações através do 190. Todas as ocorrências de destaque que acontecem na Região Metropolitana de Belo Horizonte e no interior são repassadas para a sala de imprensa.

ACA – Os jornalistas publicam tudo que a assessoria da polícia passa?

CG – Hoje, vivemos uma realidade diferente. Antes a editoria de polícia era a principal, ou seja, todos os jornalistas passavam por ela, era uma verdadeira escola. Agora tem muitos repórteres novos que não conhecem, não procuram conhecer. A informação chega pela internet, rádio, e muitas vezes o profissional não tem tempo de aproximar, de conhecer. É o que a gente chama de “repórter de pé limpo”, ele não vai ao chão conhecer de perto. Muitas vezes o que ele escreve não é uma realidade, quer dizer... algumas vezes.

ACA – Você acha que o jornalista perde credibilidade com vocês?

CG – Perde com o leitor, né? Com a gente ele perde a confiança. Nós trabalhamos com uma questão de ética. A partir do momento que você é antiético e não relata realmente o que está acontecendo, não existe parceria, os dois lados perdem.

ACA – Que imagem você tem dos apuradores?

CG – É uma imagem boa, a partir do momento que você conhece, você passa a entender e a ajudar. A assessoria de imprensa tem um relacionamento bom com quem a gente trabalha.



ACA – Os jornalistas conseguem mais informações que vocês da PM?

CG – Acho que não. Somos uma fonte muito importante para a imprensa, e tenho certeza que os jornais dependem de nós para ter informações. A imprensa pode receber a informação da sociedade, de outro órgão, mas confirmam a informação aqui.

ACA – Você diferencia por telefone se quem fala é um profissional ou estagiário?

CG – Tranquilo! Percebo a diferença pelo jeito da conversa. O profissional sabe, entende, ele “pesca”. O estagiário normalmente não entende, tem que explicar várias vezes. Quando eu falo, por exemplo: “Olha está tendo um inquérito policial militar”, o foca pergunta: “Mas é o delegado fazendo?”. Aí você vê o total desconhecimento. Atualmente lidamos com muitos estagiários.



ACA – Os jornalistas sabem diferenciar o trabalho da Polícia Militar da Polícia Civil?

CG – Não sabem e não procuram saber. Acho que eles deveriam se informar. A minha preocupação é a seguinte: se a pessoa não sabe o que escreve, imagina o que vai passar para o jornal? Escrever uma coisa que você não sabe é muito melindroso e arriscado.

ACA – Você acha que ser formado em Relações Públicas facilita o seu trabalho na assessoria?

CG – Facilita porque a gente conhece a área. Se você não entender o lado do repórter, como a imprensa funciona, como é o dia-a-dia de um repórter, de quem está apurando, o que é levar um furo, isso a gente tem que entender. Os leigos não têm informações de como funciona uma redação.

BIBLIOGRAFIA



Página 67



ARREGUY, Clara. **Fafich**. Belo Horizonte: Conceito Editorial, 2005.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, Editora da Universidade de São Paulo, 1987, 2ª edição.

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DUARTE, Jorge (organizador). **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica**. São Paulo: Atlas, 2003, 2ª edição.

JACOB, Arnaldo César Ricci. Apuração, edição e fechamento. In: AMORIN, Paulo Henrique (et al.) **Lições de jornalismo**. Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade, 1998. p. 55-71.

KUNZICK, Michael. **Manual de Comunicação: Conceitos de Jornalismo – Norte e Sul**. São Paulo, Editora Usp, 2002.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991, 5ª edição.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manole, 2004.

MANN, Peter H. **Métodos de Investigação Sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975, 3ª edição.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e Jornalismo. A saga dos cães perdidos.** São Paulo: Hacker Editores, 2002, 2ª edição.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Crime e Costume na Sociedade Selvagem.** Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: O diálogo possível.** São Paulo: Editora Ática, 2002.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2006.

RAMONET, Ignácio. Ser jornalista hoje. In: **A tirania da comunicação.** Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2001, 2ª edição.

RINALDI, Doris. **A ética da diferença: Um debate entre psicanálise e antropologia.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

SANTOS, Adriana Bacellar Leite e. **Os meios de comunicação como extensões do mal-estar.** Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.



SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. **Técnicas de reportagem : notas sobre a narrativa jornalística.** São Paulo: Summus, 1986.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: por que as notícias são como são.** Volume I, Florianópolis, SC: Ed. Insular, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional.** Volume II, Florianópolis, SC: Ed. Insular, 2005.

WOLF, Mauro. Da sociologia dos emissores ao newsmaking. In: __. **Teorias das Comunicações de Massa.** São Paulo: Martins Fontes, 2005, p.181-269





